UMA ÚNICA VEZ, por Gilmar, em 24/08/2012

Quem dera se me beijassem tuas palavras!
Cobririam a lástima de toda a distância
Sem demora, a cada dita e lançada
A palavra-ouro que tu sempre lavras!

Essa ternura, que me é antiga,
Visita-me nos meus sonhos,
É da tuz voz uma doce cantiga
Que me encoraja nos meus caminhos

Aquela única vez de pura ventura
Não morrerá tão cedo, doce pelejador
Ainda há calor no sangue que aqui me pulsa
Que mitiga de mim da saudade a dor

AO AMOR MEU, por Gilmar, em 21/08/2012

Ouve meu silêncio, amor meu
Saibas já de antemão
Que meu coração talvez seja
O ouro que o céu te prometeu

Ouve meu sonho, amor
Apura o ouvido agora
Há adiante gemido de dor
Pois a vida não é sempre aurora

Não desdenhas do prêmio, amor querido
Que oferto em silente sorriso
As mãos cá estão vazias
Mas alma... essa por ti se esfuzia...

MEU LENCINHO, por Gilmar, em 20/08/2012

Dizem que meu lenço é encarnado
Pelo beijo último ali sustado
Foi um ósculo assim roubado
por cuja falta tanto me enfado

Lencinho, somente a ti eu tenho
Em ti convulsiono meu cenho
E não enxugo em ti as lágrimas
Com medo de o beijo de outrora
Assim se apagar

Mas, ó lenço, tu te nodoas
E perdes assim a beleza
A qual devotei tantas loas

À espreita, em 17/08/2012

Vós sabeis
Sobre a vida
Não há leis?

A vida inteira
talvez seja um deserto
Que morta espreita
O rastro duma centelha
A fazer das cinzas
Selvagem fogo desperto

RAZÃO DO SORRISO, por Gilmar, em 15/08/2012

Se de doçura trago meus lábios
Sei bem esconder no peito
Os laivos dum pregresso amargo

É no sorriso mudo que dorme
A dor tão madura de outrora
Que não se arranca por ser enorme
E sangraria o peito horas afora

Alta noite, assim vaga meu sorriso
A angariar piedade e simpatia
Para, quando do derradeiro aviso,
Roubar dos vivos uma elegia

DEFININDO AMOR, por Gilmar, em 06/08/2012

Amar é olhar por cima dos telhados
Mesmo sendo baixo
E divisar um sol numa tormenta
E rir do corpo frágil molhado
Que assim se adoenta

O amor ao louco atesta a loucura
E o faz deixar de sê-lo
É o sangue delido com enlevo
Não mais gritá-lo em desespero

Amor é não saber mais a altura
Do céu e dos anjos feros
É enxergar na lama alguma alvura
E chorar-se só e austero

Eu sei que amo
E no amor apenas
Descobri o que é encanto
E de mim não há mais pena...

ÂNSIA PARA ACHAR, por Gilmar, em 03/08/2012

Como se a morte quisesse me encontrar
Estou a acudir os abalos de meu peito
Que, mesmo bruto e sem jeito,
Incita-me a procurar um par

Será que quem eu amarei olha
a mesma lua tão surrada, que seu branco
parece frágil, como se ela do alto
chorasse um invisível pranto

E o céu ajudar-me-ia
A me deparar contigo
a quem não conheço
e devoto tanto encanto?

Há uma estrelinha solta no céu
Que esteja cansada de estar-se ao léu
E queira cá estar comigo
E amainar de mim meu castigo?

E me consomem as perguntas
Não me resolvem coisa alguma
E as termino enxovalhas por lágrimas
Que me doem como coroa de espinhos

ENREDADO, por Gilmar, em 03/08/2012

Não sei se houve horizonte
Tampouco a altivez dalgum monte
Apenas me reverbera a nota
Do beijo teu em boa hora

Em cada dia, não me havia luz sequer
Eu era um poço de água negra
Que jamais refletiria
O lampejo a que o amor é mister

Mas me enredei na dor duma outra alma
Cuja lágrima me é açulada angústia
A embotar o brilho de um sol
Cuja ausência me sitia

INSTANTE, por Gilmar, em 02/08/2012

Sou instante
De vida, de cumprimento
Nem sei se sou alento
Para agora ou mais adiante

Serei um ocaso
Um fruto fracassado
Que despenca
Dum mítico parnaso

Fui um fôlego
De encontros furtivos
Hoje trasfego
em sussurros aflitivos

O que fui?
Não sei se sou
Algo de bom
Que um dia será
Esteio de algum
parco dom

MAIS QUE FRACASSO, por Gilmar, em 30/07/2012

Apalpo as demoras
Saboreio delas o alento
Concretizo o abstrato
Faltar-me-á tempo
Para colher doces amoras
Caídas dum paraíso perdido

Quando as pego,
o fruto já está encardido

Parece a ti um fracasso
Que embotaria a espinha
E machucaria como aço

É apenas a triste sina
Lembrando a mim e a ti
Que a felicidade...
Ora, eu a perdi!